

A realidade da mulher interiorana nortista no conto “Velas. Por quem?” de Maria Lúcia Medeiros

Gerlaine do Socorro dos Santos BALDEZ¹

Sérgio Welington Freire CHAVES²

Resumo: Tendo em vista que violência contra a mulher é um assunto necessário e imediato, procuraremos evidenciar as variadas formas dessas violências encontradas no conto “Velas. Por quem?” a fim de enaltecer e estimular os estudos sobre a literatura paraense feminina que ainda são pouco conhecidas no Brasil, o trabalho poético de Maria Lucia Medeiros, uma mulher nortista, que usou sua obra para falar da realidade dura, vivida por mulheres nortistas. O conto de Maria Lucia Medeiros narra a luta de uma mulher, que ainda em sua infância sai do interior e vai para a capital do Pará em busca de uma vida melhor e acaba se deparando com uma realidade de violência, exploração e abusos. Com base nessa premissa, faremos uma abordagem bibliográfica para desenvolvermos uma visão crítico-reflexiva sobre a situação supracitada, onde destacaremos, as variadas formas de violência sofrida pela personagem, e seu conformismo diante de tal situação. Ressaltando que esse trabalho é importante para a área social e a área acadêmica, por expor tal situação vivenciada por essa mulher, quando em sua ida para capital, foi trabalhar em um ambiente onde seus direitos foram usurpados, dado sua condição de vulnerabilidade econômica e social.

Palavras-chave: Mulher nortista. Violência simbólica. Omissão.

Introdução

O estado do Pará é formado por uma população miscigenada a partir de indígenas, negros e descendentes de imigrantes, fazendo parte da Amazônia legal, que tem como objetivo promover o desenvolvimento da região amazônica, bem como a preservação da floresta e dos povos originários. É um povo conhecido por sua cultura, gastronomia e fé, essas características estão presentes em todo o estado, da capital ao interior. Dentro dessa perspectiva destacamos o aumento populacional dos interiores, que levou algumas famílias a migrar para a capital do Estado do Pará, tendo como intuito ter melhores oportunidades de emprego. Com o passar do tempo essa prática de migração foi sendo vista como algo “normal” e chamado de “êxodo rural”. Ou seja, essas famílias migravam para a capital em busca de melhores condições de trabalho e moradia, quando não ia toda a família, mandavam seus filhos, geralmente para casa

¹ Graduanda do curso de Letras Língua Portuguesa, *campus* universitário de Bragança, Universidade Federal do Pará. E-mail: gerlanedenilton30@gmail.com

² Professor Doutor da Universidade Federal do Pará. E-mail: sergiofreire@ufpa.br

de um conhecido ou um padrinho(a), com a intenção de proporcionar uma vida melhor para eles, a ideia era que tivessem oportunidades, através dos estudos ou trabalho ou ambos, pois a realidade interiorana sempre foi simples, geralmente seus pais e avós sobreviviam da agricultura de subsistência, plantando apenas para seu próprio consumo, pois em sua grande maioria não tinham condições de mudar a situação de seus filhos no município em que viviam.

Essa contextualização, evidencia de maneira sucinta a situação vivida pela população interiorana a muito tempo. No entanto neste trabalho iremos nos ater a essa realidade de maneira específica na figura da mulher nortista, que teve e tem um papel de extrema importância, por representar a força e a resistência a todos os tipos de desafios que lhes são impostos. Tendo como objetivo salientar a realidade do interior amazônico, vivido por muitas mulheres que ainda criança iam para a capital, e diante da situação vivida nesse ambiente, tendem a ter muitos conflitos e dificuldades, por variadas privações e necessidades que lhes são colocadas, e por isso algumas vezes não conseguem se sobrepôr como protagonista de sua história. Com isso, trataremos uma abordagem crítico-reflexiva do conto “Velas. Por quem?”, de Maria Lucia Medeiros. Ressaltando que esse trabalho é considerável tanto a área social quanto a área acadêmica, expondo a realidade vivenciada pelas mulheres nortistas, quando de sua ida para a capital, trabalhando em ambientes onde seus direitos são usurpados, dada sua condição de vulnerabilidade, ocasionada pelo cenário que estão expostas, vistas muitas vezes como seres humanos menores e com esse estigma se acomodam diante de seus juízes.

Esse trabalho se justifica, diante de tantas outras questões, por destacar a escritora nortista Maria Lúcia Medeiros (1942-2005), para estimular os estudos sobre a literatura paraense feminina que ainda são pouco conhecidos no Brasil, essas obras evidenciam mulheres que usam sua escrita para contestar todos os tipos de violência, e exaltar a força da mulher nortista que tem lutado para conseguir seu lugar no âmbito pessoal e social. O método seguido é o estudo bibliográfico, que tem uma abordagem crítico-reflexiva, na qual procuraremos analisar criticamente o conto “Velas. Por quem?”, e dialogar com dois teóricos da sociologia: Pierre Bourdieu, em seu livro, *Dominação masculina* (2018), que aborda a temática sobre a dominação patriarcal e a violência simbólica do homem em relação a mulher; e a socióloga Heleieth Saffioti, em seu livro *Gênero, Patriarcado, Violência* (2015), que vem tratar dos processos de dominação-exploração sobre as mulheres, esses teóricos nos darão aparato no que tange a discursão para desenvolvermos a abordagem crítico-reflexiva, como esta supracitado.

Maria Lucia Medeiros (1942-2005), foi uma escritora contista, poeta e professora paraense, morou em Bragança até os doze anos de idade, depois mudou-se para Belém, capital do Pará, onde estudou e formou-se na Universidade Federal do Pará, em Letras Língua

Portuguesa. Ela contribuiu de forma importante para a academia, suas obras são popularmente conhecidas de forma poética, sua escrita é definida como um fenômeno poético, pois se apropria das lacunas da memória, sem que com isso deixe de ser ficcional, tanto o que a memória reproduz, quanto o que a inspiração revela, uma vez que tudo passará a ser recriação literária, para adentrar em um mundo ficcional, com tanta veracidade que o leitor não sabe onde começa e onde termina. A escritora, tem uma facilidade de escrever ficção adentrando de forma leve, na realidade por caminhos sinuosos, para buscar a palavra e a linguagem perfeita, suas obras são marcadas por profunda reflexão sobre a condição humana, trazendo variadas combinações e associações de elementos por meio de símbolos, do mito, do imaginário para representar o humano de forma íntima, trazendo suas mazelas e sofrimentos à tona, principalmente quando se tratava de assuntos do universo feminino. Suas principais obras são o livro *Zeus a menina e o óculos* (1988), *Quarto de hora* (1994), *Velas. Por quem? Horizonte silencioso* (2000), *Antologia de contos* (2003) e *Céu caótico* (2005).

Nessa perspectiva trabalharemos especificamente com “*Velas. Por quem?*”, que é um texto do gênero conto, Massaud Moisés (1967, p. 15) destaca que ao longo do movimento romântico empregava-se o vocábulo “conto” no sentido de narrativa popular, fantástica, inverossímil, em sua longa história o conto é provavelmente a mais flexível em formas literárias. Entretanto, quem pense que as contínuas metamorfoses não raro espelhando mudanças de ordem cultural, ele se manteve estruturalmente uno essencialmente idêntico seja como “forma simples”, seja como “forma artística”. Desta forma, percebemos que o conto se popularizou como um gênero literário com escrita simples, porém com características específicas contendo uma narrativa curta, com poucos personagens, e que se desenvolve por meio de um conflito e em sua estrutura temos o enredo, clímax, desfecho, tempo e espaço, que prendem o leitor a esse tipo de texto, ressaltando que existem variados tipos de contos como o conto de fadas, o conto de terror, conto psicológico, conto de ficção etc. Este gênero textual é usado por vários poetas, para narrar suas histórias em uma escrita menor como já citado, porém completa.

Assim sendo o conto “*Velas. Por quem?*”, de Maria Lucia Medeiros, apresenta a história de uma mulher que ainda criança, foi levada para trabalhar em uma casa de família em Belém, capital do estado, e ali teve sua infância roubada, foi explorada e abusada por seus patrões, onde culminou em uma violência simbólica praticada por eles, tendo sua função de empregada objetificada e diminuída, levando-a a ser classificada como pedaço deles, cria, cachorro fiel, como relata o conto. Essa mulher passa a vida toda na casa onde morou desde sua infância e vê sua vida passar e já não lhe era mais possível voltar atrás, pois só havia conhecido

aquele ofício, o de passar, lavar, retirar o urinol da patroa, essa era a única função que havia conhecido desde sua infância, o de servir e já não podia voltar no tempo, pois haviam sido fatais os anos que lhes tomaram, conformando-se com sua condição, sendo rotulada como um bicho manso.

Segundo a historiadora Jane Soares (2011) o poder nas suas várias interfaces sempre foram e continuam sendo essencialmente masculino. Do ponto de vista histórico, a partir das décadas finais do século XX, as relações simbolicamente construídas entre os sexos foram abaladas nas suas estruturas pela emergência de um lado social feminino que rejeitou as noções solidificadas dos conceitos de superioridade e inferioridade. Nesse sentido, este artigo busca trabalhar a discussão sobre o feminino da mulher do interior do norte do país, salientando a disputa de gênero, onde a mulher está lutando para também ter seu espaço na sociedade, quebrando paradigmas sobre a dominação patriarcal e a colocação de “lugar”, ademais a mulher é um ser multifuncional, e tem mostrado seu potencial diante dos variados obstáculos que lhes são impostos, comprovando que a soberania de poder do homem está perdendo seu trono, já que ela tem conquistado esse lugar para assumi-lo juntamente com o homem, afinal “o lugar da mulher é onde ela quiser”.

Violência simbólica

A violência simbólica é um termo criado por Pierre Bourdieu (1998), que nos diz que esse é um tipo de violência dissimulada que se dá como forma de coibição por quem pratica a agressão, neste caso o dominante e a opressão sofrida pelo dominado que seria a vítima, tendo sua reação regida por fatores determinantes como a imposição social, econômica ou simbólica. Nesta feita, salientamos que o termo “simbólico” mesmo sendo um adjetivo menos rigoroso, não minimiza o sofrimento e agressões sofridas, por mulheres que são exploradas, violentadas, espancadas e nem tem o intuito de desculpar os homens por essa forma de violência. Nesta perspectiva usaremos fragmentos da narrativa do conto “Velas. Por quem?” para evidenciarmos os vários tipos de violência sofrida pela personagem, a qual diante de tal situação tem sua reação de forma passional, em forma de submissão por conta das circunstâncias a qual se encontrava, tendo como fator determinante sua situação econômica e social, estando longe de sua terra, sendo inserida em outro ambiente e acreditando em uma vida nova. Assim sendo, teremos o processo de esperança da personagem em sua chegada, o processo de amadurecimento imposto pelo trabalho doméstico e seu sofrimento com a exploração e abuso por parte de seus patrões.

Temos no primeiro momento do conto sua chegada à capital paraense cheia de esperança, visto que ao sair de sua cidade no interior do Pará, em sua inocência de criança acreditava que teria uma “vida nova”, como enfatiza o fragmento a seguir. “Fatal foi tropeçares e seguires aos solavancos pelas ruas achando que eram de boas-vindas os olhares. Ao pé do casarão mal iluminado fatal foi pensares que ofereciam vida nova pois ouviste os sinos.” notamos a ingenuidade da personagem trazendo consigo a esperança em dias melhores, já que como acima citado a vida interiorana não era das mais fáceis, fazendo com que “a pequena” se encantasse com tudo que estava vendo, seus olhos mal podiam crer que havia saído de tão dura realidade, “fatal foi tua ligeireza, o trabalho na roça...”, a vida interiorana aqui narrada é de muita privação e falta de perspectiva para a maioria de seus moradores, que diante disso aproveitavam qualquer oportunidade de mudança de vida, onde na maioria dos casos deixavam seus filhos(a) expostos a todo tipo de situação, como a da personagem do conto, nos chamando a atenção que pelo fato de ser mulher foi levada a experimentar a exploração e abusos, o que culminou com termino de sua esperança em dias melhores.

O efeito de dominação como simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na logica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção de avaliação e de ação que são constitutivos do *habitus* e que se fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma (Bourdieu, 2018, p. 58).

Deste modo a protagonista se depara no conto, com o que Bourdieu chama de “dominação simbólica”, que se dá por meio da imposição de mudanças a forma de comportamento, da fala, da cultura etc. Essa violência tem início a partir de uma de suas falas “péra lá que vou tirá o mijo da mulhé” (Medeiros, 1997. Pág. 12), a partir desse ocorrido percebemos a coação de sua patroa lhe obrigando a aprender a falar direito, está explícito a violação que se deu pelo contexto em que a personagem se encontra, lhe sendo imposto o chamado “habitus” que tem como objetivo a dominação imposta pelo ambiente em que a protagonista está, ou seja, na capital do estado (dialeto diferente), casa de pessoas de classe média (comportamento diferente), lhe foi imposto que aprenda, “O pequena! Terias de dizer ‘fazer o meu serviço, cumprir minha obrigação’ aprendeste logo sem compreender”. (Medeiros, 1997. Pág. 12), Essa dominação simbólica é recorrente em se tratando das minorias, onde precisam se adequar ao *habitus* de determinado contexto social, por influência de seus dominadores, que exigem a adequação de comportamento, dialetos ou costumes culturais para que essa minoria consiga “conviver” em seu nicho social, usando muitas das vezes a violência física para impor suas vontades, como no caso da protagonista no conto, onde percebemos sua

situação de dominada, dando total poder aos opressores para subjugar-la, não só por esta em um lugar onde não conhecia nada, mas também por ter sua vida limitada ao espaço em que estava. O lugar em que a personagem se encontrava dizia muito sobre sua reação, a tal situação, quando se é tirado do seu “nicho” sem conhecer sua nova realidade é difícil se contrapor ao que se está vivendo, não só pela vulnerabilidade, mas pela falta de conhecimento, sobre a violência que se está sofrendo, a ignorância também é um fator determinante, para que o dominador se aproveite do dominado, tomando sua força física e psicológica, e colocando a situação por ele imputada, como algo normal, agindo com sutileza para impor a violação.

A personagem se obriga a aguentar tal situação, não apenas pelo que fora supracitado, mas pela “ajuda” que seus patrões lhe deram: um emprego, moradia e comida, desse modo temos uma violência velada, onde o abusador age com agressão enquanto a vítima aceita, a situação com passividade, abrindo margem para que esse quadro de sofrimento continue, dessa forma podemos afirmar que no cenário atual inúmeras mulheres continuam passando por esse mesmo tipo de abuso, exploração e violência simbólica, em pleno século XXI, pois vemos casos televisionados e expostos nas mídias sociais, com variados tipos de agressão efetuadas pelo sexo masculino, que não se intimida e comete essas violências em seu mais alto nível de crueldade.

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, a dominação) quando ele dispõe, para pensá-la e para se pensar ou melhor, para pensar sua relação com ele, de mais que instrumentos de conhecimentos que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/ baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, das quais seu ser social é produto (Bourdieu, 2018, p. 56).

Assim compreende-se que esse tipo de violência ainda é abrangente, tendo em casos de dominação essa relação como natural, levando o dominador a usar esse tipo de consentimento como pretexto para justificar sua violência em atos de preconceitos, estereótipos e práticas de exclusão, fazendo com que a luta da mulher, seu comportamento, o direito a seu corpo, sejam vistos como submisso e inferior, através desse discursos e atitudes machistas enraizados em nosso sistema, onde acabam sendo propagado principalmente pela mídia, permitindo que esse comportamento seja perpetuado e tido na grande maioria das vezes como “normal” impedindo que a mulher perceba essa violência como uma imposição legítima de dominação masculina, sendo levada a pensar que deve respeito e submissão as atitudes violentas dos homens. Ademais

com esse tipo de pensamento e posicionamento muitas mulheres cooperaram para a continuação dessa opressão, uma vez que deixam claro que é algo “normal”, principalmente no que diz respeito ao fator econômico e social, se valem do velho discurso, “ruim com ele pior sem ele”, ou como no caso do conto, a personagem preferiu ficar na casa onde lhe davam comida, moradia, por esse motivo acomodou-se como um bicho manso diante da violência sofrida, dando inconscientemente legalidade aos seus opressores, para tratá-la como um “cachorro fiel” lhe tirando a esperança na linha da vida, sem algo realmente significativo para se apegar, além de submeter-se a subserviência levando-a a terminar seus dias, sem conhecer a verdadeira liberdade.

A exploração da força de trabalho

A exploração da força de trabalho é o ato de se aproveitar da condição de poder que o dominador exerce sobre o dominado, enquanto trabalhador(a) essa exploração é recorrente em se tratando das camadas mais pobres, onde precisam de seu emprego para sobreviver e por isso se submetem a esta situação. Deste modo temos a mulher interiorana nortista, como revela o conto, que exerce o trabalho doméstico, a chamada de “secretaria do lar” que mora na casa de seus patrões, onde lhe é exigindo que esteja à disposição deles a hora que quiserem, sendo submetida a exploração de trabalho, não se sabe se só por moradia ou comida, sendo perceptível que essa mulher está em uma situação de vulnerabilidade social e financeira, visto que saiu de sua cidade na eminência de lhe oferecerem vida nova como supracitado, mas encontrou uma vida violência, incluindo a exploração trabalhista, como lemos nesse fragmento do conto, “Fatal foi teres ignorado os deveres tantos que ressoavam nas campainhas pelo casarão inteiro (...) tantas eram as correrias, o leiteiro, o padeiro, o telefone...” / “Mas ao ouvir “O pequena”, desabalada era a tua carreira pelas escadas, era hora de retirar o urinol de porcelana com urina da branca senhora.” (Medeiros, 1997. Pág. 12), como revela o texto a exploração que a pequena sofria era algo recorrente, sua vida era correr pela casa para servir, seus há fazeres domésticos não paravam, claramente uma exploração de força de trabalho, cometido contra a mulher, evidenciando a violência, dominação e exploração do gênero feminino que tem o rompimento da integridade da vítima.

Saffioti (1979) afirma que as mulheres que desempenham as atividades domésticas não possuem as mesmas oportunidades, permanecendo em situação de subordinação devido à falta de chances de atuação nas outras áreas e as baixa imersão na formação educacional. , o que se desencadeia pelo estado de vulnerabilidade social, em que a mulher é atrelada a uma vida de sofrimento, por não conseguir mudar seu status social principalmente quando se vem da

realidade interiorana, sem estudos, e sem perspectiva de tocar de status social, acaba resignada a continuar em seu ambiente de exploração, se contentando com seu lugar de subalterna com vemos no conto de Maria Lucia Medeiros. “fatal foi tua mansidão de bicho: o búfalo a corça e o cão.” (Medeiros, 1997. Pág. 12), neste momento a protagonista esta conformada com seu destino de servir aos patrões e os filhos dos patrões, afinal esse era o único ofício que havia aprendido, o de servir, pois lhe deram outras opções, seu destino foi traçado ao sair de sua terra, para sofrer na terra alheia, onde seus algozes a submeteram as mais triste forma de exploração, onde ela nem percebeu que sua dignidade enquanto ser humano foi rebaixada para ser cria, cachorro fiel, desse modo Bourdieu ira nos dizer que as mulheres estão condenadas, a ter a todo instante, a fisionomia natural ao identidade inferior que lhes é socialmente designada, ficando sempre com o trabalho de ordem privado e escondido. E como nos vários casos, a maioria das mulheres que tem esse tipo “condenação” está fadada a se conformar com tal situação.

A luta da mulher para conseguir o mínimo de respeito no meio social é incessante, pois a todo momento lhe é violado o direito de viver sem medo, seja em sua casa, trabalho, faculdade etc. sendo submetida a as variadas formas de exploração, simplesmente por ser mulher o que nos leva ao questionamento, até quando a mulher será estereotipada ou vista como um objeto? Se teremos a resposta ou não, até agora não sabemos, mas o sabemos é que a luta por nossos direitos deve continuar, para que em futuro próximo a mulher exerça sua função em qualquer ambiente sem discriminação.

A violência sexual

A violência sexual é um dos temas mais problemáticos da humanidade, tendo seu início desde o patriarcado, pois traz consigo a alegação de cunho ideológica que o homem teria total poder sobre o corpo da mulher, por ter força e agilidade e a mulher por sua dependência e fragilidade, devendo assim ao homem total submissão, alegação essa que gerou um problema histórico e social difícil de se resolver. Saffioti (2015) nos traz uma contextualização sobre patriarcado, nos afirmando que, o patriarcado é o caso específico de relações de gêneros, ou seja, como já supracitado o homem domina e a mulher é dominada por ser frágil.

Essas ideias cristalizadas ao longo do tempo, tem tornado a vida das mulheres bem mais difícil, em casa, no trabalho, na rua ou onde quer que estejamos, o mundo ainda não é um lugar seguro para a mulher, pois a ideia de dominação que o homem traz em si, é plantado desde sua tenra idade, pelos discursos ideológicos feitos por seus avós e pais, sempre alegando que a condição feminina foi feita para obedecer e se sujeitar aos seus desejos e caprichos, essa

perpetuação de pensamentos tem desencadeado uma agressão seria sobre a mulher, trazendo prejuízo para toda a sociedade que é constituída por sua maioria feminina.

A violência sexual é cometida em variados ambientes do mais simples ao mais sofisticado, porém abordaremos a violência sexual narrada no conto, onde o homem se acha superior por sua condição de patrão da vítima, se sentindo no direito de a violentar, essa a violência sexual sofrida pela personagem, é narrada pela autora de forma sucinta, usando frases que levam o leitor a perceber que ela sofre essa violência de forma velada, percebamos: “horário estranho, pesada hora, apertavam também, bolinavam, teu corpo ereto” (Medeiros, 1997. Pág. 12), a colocação da palavra “bolinavam” que segundo o dicionário informal significa: usar as mãos em partes sexuais de do outros, nesta feita constatamos que o abuso aconteceu, no entanto o que chama atenção, é a reação da personagem diante da violência sofrida, sua reação é de um “bicho ecoado” que não conhece outra vida, a não ser essa que lhe foi imposta, pelas circunstâncias em que se encontrava, quando chegou ao seu destino.

A partir disso somos levados a uma reflexão, quantas mulheres estão sendo submetidas a esse mesmo tipo de violência, em alguns casos não só a violência sexual, mas a violência física, verbal, psicológica, patrimonial etc. onde na maioria das vezes suas vidas são ceifadas por seus opressores, nos levando a perceber o grande problema social que estamos enfrentando, acerca de manter as mulheres a salvo, em uma sociedade em que o machismo é perpetuado como já citado, por discursos ideológicos, que colocam em risco nossa feminilidade.

O sociólogo e pensador francês Pierre Bourdieu nos afirma que:

(...) é correlativo da instituição da violência pela qual as mulheres são negadas como sujeitos da troca da aliança que se instauram através delas, mas reduzindo-as a condição de objetos, ou melhor de *instrumentos simbólicos* da política masculina: destinadas a circular como signos fiduciários e a instituir assim a relação entre os homens, elas ficam reduzidas à condição de instrumentos de produção ou de reprodução do capital simbólico e social (Bourdieu, 2018, p. 67).

O autor nos reafirma o estereotipo criado desde os ancestrais, de que a mulher está sujeita a determinação masculina, se o homem determina que a mulher foi feita para servir e reproduzir, a sociedade prontamente acata, não lhe dando outra opção, se é determinado que um comportamento é vulgar para o comportamento feminino, então assim será até que a mulher rompa essa determinação e consiga se impor, com tudo ainda assim continuará sendo mal vista e podendo ser maltratada, pois ainda hoje na pirâmide social, o homem é visto como ser superior. Infelizmente esses discursos ainda estão dando legalidade ao homem para cometer os variados tipos de violência, um exemplo do que estamos afirmando é o aumento do feminicídio, a todo instante vemos nos jornais as atrocidades cometidas contra as mulheres, percebemos a represália masculina a quem se opõe contra essa supremacia ideológica, que

vem sendo imposta contra a mulher, porém independente de tantos, abusos sexuais, ataques e mortes, também vale ressaltar que temos alguns ganhos, a exemplo disso são as leis estão que nos dão suporte em meio a esses atos violentos, para tentarmos proteger de todo e qualquer ataque a mulher, pois sendo ela nortista ou não, sua integridade e vida devem ser protegida.

Considerações Finais

Em suma como podemos perceber diante do que foi exposto sobre a situação de violência contra a mulher interiorana nortista, sofrida com sua saída do interior do Estado, como é exemplificado pelo texto narrativo, constatamos seu sofrimento e conformismo diante de tal situação, trouxemos assim a exposição desse cenário violento por ser recorrente, não apenas no Estado do Pará, mas em todo o Brasil o se transformou em um problema de ordem social, no qual tem submetido o universo feminino a variadas situações de extrema violência. Precisando de muitas intervenções como leis e lutas sociais desenvolvidas para diminuir esses ataques violentos, porém isso não tem sido suficiente para diminuir essa situação difícil, tendo em vista como foi escrito acima as mulheres estão expostas a esse tipo de violência simbólica, em todos os ambientes por elas frequentado, nenhuma está isenta de sofrer esse tipo de violência. Entre muitos fatos discutido, o principal foi a falta de conhecimento da personagem que a levou a omissão, levando seus opressores a continuarem agindo de forma covarde.

Nosso trabalho procurou destacar no conto “Velas. Por quem?” de Maria Lúcia Medeiros o sofrimento da personagem enquanto mulher nortista, quando saiu de seu município em busca de uma nova vida e se depara com o cenário de exploração e abusos, nosso intuito foi trazer essa abordagem de forma crítica-reflexiva, para que continuem as reflexões acerca desse assunto, que tem total valia na era contemporânea, já que mesmo com algumas intervenções governamentais, a feminilidade da mulher ainda continua a ser deflorada, agredida, desrespeitada, sendo objetificada por seus agressores.

Sabendo que a violência sexual é praticada desde o patriarcado, sendo ramificada na cultura masculina ao longo do tempo com o consentimento subconsciente da mulher, que se deixou ser maltratada, por uma questão social que está atrelada ao sujeitar-se ao homem como forma de respeito, sendo levada a sofrer as variadas formas como supracitado de variadas agressões, temos algumas situações no conto velas por quem que foram discutidas, para evidenciar a violência de forma velada no ambiente de trabalho da personagem, onde foram analisados seu comportamento de seus padrões e o dela em relação ao que estava vivendo, sua

coação diante da dura realidade ao qual foi submetida, vendo o tempo passar e perdendo a oportunidade de viver de maneira digna, a sua linha do tempo havia sido tomada por seu conformismo, sua limitação diante dos fatos relatados no conto, nos deixa uma crítica a mulheres que não tem coragem ou força para sair da zona de sofrimento, em outros casos como o da violência doméstica, preferem perdoar o agressor a denunciá-lo ou separar-se, o que nos leva a reflexão por que a mulher se submete a esses maltratos, e porque é tão difícil se libertar dessa prisão, física e psicológica, ainda não temos uma resposta definida, pois são variados os motivos alegados, mas independentemente do tipo de violência a mulher tem o direito de desfrutar uma vida plena e feliz, sem sentir medo ao trabalhar, usar um determinado tipo de roupa, casar, etc.

Conscientizar e reeducar a sociedade é um dos passos para o nascimento de um novo tipo de comportamento, desmitificando ideologias plantadas ao longo da história, como sendo verdadeiras, é fundamental para que de fato os pensamentos e comportamentos machistas sejam desfeitos e continuar discutindo sobre essas problemáticas é fundamental para se alcançar o objetivo de ter as mentes transformadas, além de continuar instaurando leis com punições severas, que protejam as mulheres para que a realmente seja vista a mudança social.

Referências

MEDEIROS, Maria Lúcia. *Velas. Por quem?* Ed. especial. Editora cejup, Belém, PA, Brasil. Secult. Jornal: A província do Pará. 1997.

TUPIASSÚ, Amarilis. *A ficção de Maria Lúcia Medeiros: leituras.* – Belém: SECULT / IOE, 2002. p. 76.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina.* Trad. Maria Helena kuhner. 6ª edição. Rio de Janeiro-2018.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência.* 2ª edição. São Paulo. 2015.

Porto Editora – força de trabalho na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2024-06-01 22:50:05]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$forca-de-trabalho](https://www.infopedia.pt/$forca-de-trabalho).

MASSAUD, Moisés. *A criação Literária.* S. Paulo, Cultrix, 1967.

BELTRÃO, Jane Felipe. *Reconstruindo a história das mulheres a partir dos retalhos.* Cadernos do CFCH, nº12. 1987.

DUARTE, Julieta. *Mulheres e Movimentos: As marcas do feminismo paraense da década de 1980.* TCC, curso de ciência sociais, Belém-PA. 1993, mimeo.

Abstract: Considering that violence against women is a necessary and immediate matter, this study aims to evince the many ways these violences based on short story *Velas. Por quem?* written by paraense writer Maria Lúcia Medeiros, who dedicated praise and encourage studies on women's literature from Pará, which are still little known in Brazil her work to talking about the hard reality experienced by women from north region. The story told by Maria Lúcia Medeiros describes a woman's struggle who left the countryside as a child and went to Pará's capital to pursue a better life, but she was faced with a violence, exploitation and abuse situation. Based on this premise, we will make a bibliographic approach to we develop a critical and reflective view about the fact above-mentioned, and we will give attention to several violence types suffered by personage and how she was behaved in that situation. It's important to emphasize this work is essential to social and academic area, since it presents a woman's experience who went to work in an environment which her rights have been usurped due to her vulnerable condition economic and social.

Keywords: Northern Woman. Symbolic violence. Omission.